

CIGANOS (ROMA): RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E IDENTIDADE

MABIELLE PEDRA FANTI¹
MARCUS VINÍCIUS SPOLLE²

¹Universidade Federal de Pelotas – mabi.pedra@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – sociomarcus@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A construção histórica das etnias ciganas (Rom, Calon e Sinti) constituem-se na oralidade, naquilo que é passado de geração para geração desta forma oral e com raízes nas lembranças construídas a partir das trajetórias vivenciadas. Neste sentido, demonstrando que a memória edifica-se como elemento de suma importância, na formação das identidades tanto coletivas como individuais. Nesta retrospectiva, utiliza-se do arcabouço teórico de Halbachws, principalmente no conceito de memória coletiva, ainda, embasando-se também em Candau e os tipos de memória por ele diferenciados, bem como no desenvolvimento do enlace entre memória e identidade, de forma mais diminuta utiliza outros autores na sustentação e argumentos teóricos. Trazendo trechos das entrevistas narrativas e apontamentos etnográficos, realizados com seus interlocutores, todos romani, residentes na cidade de Pelotas/RS.

Uma abordagem sobre a importância da história e da memória na construção da identidade cigana, neste sentido a história e oralidade tanto naquilo que é passado pelas lembranças e memórias dos grupos, de sua representação, mas, também conforme Norbert Elias em analisar processos históricos, para o entendimento do meio social, em suma esta perspectiva sociológica faz uma análise das transformações sociais, analisando processos de mudanças sociais no decorrer da história.

Os ciganos são agrafos, sua língua o Romaní, não tem representação escrita; então a história e sua cultura se baseiam na oralidade, que de forma geracional vai se vislumbrando. Podemos apontar a memória como fator importante para estes grupos, pois constrói e reconstrói identidades (BOSI, 1994; GILL, 2016). Além disso, a identidade cigana com base nas interações há tensionamentos com a sociedade adjacente, por conta de representações identitárias negativas e pejorativas, projetada de fora e estigmatizada (GOFFMAN, 2017), albergada em construtos históricos.

Assim, objetiva-se realizar uma breve reflexão sobre a memória na construção da identidade cigana, observando o nomadismo um aspecto latente na base da memória, mesmo no caso de ciganos sedentarizados. Segundo Candau (2012) a memória é uma reconstrução e não um resgate, apontando que uma pessoa que não tem lembranças é aniquilada, haja vista que a memória se expressa na identidade, uma força. Neste sentido aponta que “a memória é a identidade em ação...”, assim por meio da memória, seja nas lembranças ou esquecimentos a identidade vai se construindo e reconstruindo por toda a vida.

Ao tratar de grupos ciganos pensar identidade e memória de forma separada, é quase que um desafio, pois tanto a formação da identidade coletiva dos grupos, bem como a identidade mais individualizada, entrelaça-se com a memória. Haja vista, que ao tratar de cultura e tradição cigana, está se falando

em processos de transmissão da história de forma oral e, por meio de lembranças, que vai se vislumbrando de geração em geração.

Assim, a construção da identidade Roma, perpassa pela memória, cultura e tradição, elementos basilares que operam na formação da subjetividade destes grupos. Em compartilhamento da memória, da herança familiar que solidifica e modifica a cada geração. Neste sentido, por meio das lembranças dos mais velhos vão transmitindo aos mais jovens elementos de sua cultura, elementos estes que compõe a identidade coletiva do grupo, a memória é compartilhada entre os integrantes, reforçando o pertencimento e a construção endógena das identidades.

2. METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos utilizados na investigação são a etnografia e as entrevistas narrativas, sendo estas as duas técnicas de coleta de dados.

O campo empírico desta pesquisa, que manteve contato na Especialização e agora no Mestrado, principalmente o grupo principal, trata-se de uma família cigana Kalderash subgrupo da etnia Rom, sedentarizada na cidade de Pelotas/RS há mais de 33 anos, pois fixaram residência na referida cidade na metade da década de 80, antes de Pelotas, moravam em São Lourenço do Sul, local que também têm casas, mas naquela época ainda mantinham a tradição das barracas, mesmo que acampassem em terreno próprio.

A pesquisa aqui apresentada e proposta faz parte da pesquisa e do projeto que está sendo desenvolvido no mestrado em Sociologia, em que a identidade e a cultura se ressignificam a partir do binômio nomadismo e sedentarização, mas também o entrecruzamento da memória e da identidade da construção das representações coletivas e subjetividades destes grupos.

A ferramenta etnográfica para entender a dinâmica do grupo, como interação com o local em que estão inseridos, e que forma a memória se constrói e reconstrói através os sujeitos e o sentido geracional do grupo. Claro que, a entrevista narrativa é aliada indispensável para percepção mais completa do empírico, para reconstrução da trajetória do lugar e da vida dos atores sociais (WINKIN, 1998) e de suas memórias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando tratamos de memória em relação a construção da memória, não se está essencializando determinado grupo, sendo importante observar que a identidade é negociada a todo momento, ratificando a importância da memória, das lembranças que constroem e reconstróem laços, na constituição das identidades.

A reflexão entre memória e identidade, se faz necessário no estudo e pesquisa de alguns grupos, como no caso dos ciganos que tem um forte tecido de memória em reconstrução e reconhecimento de sua cultura e identidade, para manutenção da coesão do grupo, obviamente não se está essencializando, mas identificando peculiaridades.

Neste sentido, com a etnografia percebe-se que lembranças são partilhadas, mesmo entre aqueles que nem a vivenciaram e as contam com certeza e afincos, no intuito de manter a força daquela lembrança entre eles, para que não recaia no esquecimento. Por exemplo, figura dos ciganos e ciganas mais velhas é tão



respeitada e notável em cada grupo, pois é por meio de suas lembranças e recordações que a família e o grupo se mantem coeso.

4. CONCLUSÕES

Portanto, as pesquisas sobre grupos ciganos no Rio Grande do sul, principalmente na metade sul e na Sociologia são poucos, não há uma grande mobilização de pesquisas que abordem esta temática. Ainda, por meio da pesquisa há possibilidade de perceber que a memória e a identidade são institutos indissociáveis na relação com grupos ciganos, sendo a memória familiar basilar na construção do indivíduo romani e da coletiva, as lembranças remontam trajetórias, mantem costumes, estabelecem tradições, e neste jogo do passado e presente está a formação e reconstrução das identidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Joël. Memória e identidade. Tradução: Maria Letícia Ferreira – 1ª ed..1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada; [tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes]. – 4 ed.- [Reimpr.]. – Rio de Janeiro: LTC, 2017.

_____. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis, RJ: Vozes: 2017, 3ª reimpressão

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 1990, edições vértice.

HOBSBAWM, Terence; et. al. A invenção das tradições. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

WINKIN, Yves. A nova comunicação: Da teoria ao trabalho de campo; organização e apresentação de Etienne Samanian; [tradução Roberto Leal Ferreira]. – Campinas, SP: Papirus, 1998.

Capítulo de livro

GILL, L. A; SILVA, E. B. Perspectivas para a História Oral. In: Pedro Robertt; Carla Rech; Pedro Lisbero e Rochele Fachineto. (Org.). Metodologia em Ciências Sociais Hoje: Práticas, Abordagens e Experiências de Investigação. 1ed. Jundiaí, Santa Catarina,: Paco Editorial, 2016, v. 2, p. 107-126.[capítulo]

Artigo

PORTELLI, Alessandro. HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIAS ENTREVISTA COM ALESSANDRO PORTELLI. História e Perspectivas, Uberlândia (50): 197-226, jan./jun. 2014.